

Revolução Sandinista: a construção de uma nova hegemonia

Nicolle Montalvão Pereira¹

Resumo: A Revolução Sandinista, ou Nicaraguense, foi um peculiar processo de insurreição popular liderada pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) que derrubou a ditadura somozista – a mais duradoura da América Latina – e reconstruiu um país em ruínas. Tal processo revolucionário durou onze anos (1979 – 1990), tendo dois momentos: primeiramente o das guerrilhas urbanas, no campo e a guerra civil, que resulta na queda da ditadura; e posteriormente a construção da revolução, isto é, de mudanças na sociedade nicaraguense em prol da sua população, que tinha em suas mãos a tarefa de reerguer o país e transformá-lo conforme seus anseios e necessidades. A natureza paradigmática da Revolução Sandinista não impediu que em seu processo ocorressem inúmeros desafios externos e mesmo entre grupos dentro da própria FSLN. Nesse sentido, o processo revolucionário sandinista foi a tentativa de construção de uma nova sociedade e, considerando o conceito gramsciano de hegemonia, pode-se afirmar que a revolução na Nicarágua configurou a construção de uma nova hegemonia, tendo em seu processo disputas hegemônicas internas, como a situação das mulheres sandinistas; e externas, como a guerra aos “contras”.

Palavras-chave: Revolução Sandinista; FSLN; mulheres; grupos subalternos; hegemonia.

Introdução

Localizada entre Honduras e Costa Rica e banhada por ambos os oceanos Atlântico e Pacífico, a Nicarágua, colonizada pelos espanhóis, foi cenário de inúmeras disputas territoriais. Em meados do século XVI, os índios *nicaraos* se renderam aos conquistadores, e assim iniciam-se longos anos de disputa do controle da Nicarágua, passando pelos governos do Panamá, Honduras, Guatemala e até do México no começo do século XIX, proclamando sua independência somente em 1826, integrando às Províncias Unidas da América Central.

Assim que a Nicarágua se organiza como um país, ela passa a sofrer invasões promovidas pelos estadunidenses e assim tem-se uma série de governos alinhados

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UEM, e-mail: nicolle.mp@gmail.com

diretamente aos EUA. Os interesses *yankees* acerca da Nicarágua eram muitos, mas o principal era a realização de um canal que ligasse os dois oceanos, como o canal do Panamá. Em oposição aos ofensivos governos de submissão ao imperialismo estadunidense surgem movimentos defensivos do país, nacionalistas e liberais. Em 1912, os nacionalistas ocupavam cidades como a capital Manágua, Granada e Masaya, o que obrigou o então presidente Adolfo Diaz a recorrer aos EUA, que invade o país novamente, sob o comando do militar Smedley Butler.

Em 1926, ocorre um conflito entre liberais e conservadores na Nicarágua. O exército liberal se revolta contra o presidente conservador imposto pelos EUA e tal contexto torna-se propício para o fortalecimento dos movimentos de oposição ao governo. “Dois grupos fazem oposição armada ao governo. Um liderado pelo general José Maria Moncada e outro por Juan Bautista Sacasa” (MAREGA, 1981; p. 18). Augusto Cesar Sandino, que vivia fora de seu país de origem desde 1921, retorna à Nicarágua, adere à luta e organiza o seu exército. Com o presidente Adolfo Diaz de volta ao poder e uma nova invasão militar estadunidense, os grupos liderados pelos generais Moncada, Sacasa e Sandino a princípio não se intimidam, mas em 1928, os dois primeiros acabam se rendendo, diferente de Sandino que resiste até o ser garantido que as tropas estadunidenses sairiam do país.

Foi em 1933 que, de acordo com Eric Nepomuceno (1985; p. 103),

“Derrotado pelas forças de Augusto César Sandino 'general de homens livres', o exército norte-americano de intervenção abandona a Nicarágua. Acordos políticos permitem a eleição de Juan Sacasa para presidente da República. Sacasa nomeia Anastasio Somoza García para a chefia da Guardia Nacional”.

A Guarda Nacional, criada em 1925, “tem como objetivo 'manter a ordem no País'. Treinada e comandada por norte-americanos, a Guarda Nacional é um 'exército profissional e apolítico” (MAREGA, 1981; p.27-28), ou seja, ao invés dos militares estadunidenses permanecerem na Nicarágua, os EUA treinaram os próprios soldados nicaraguenses, para que estes estivessem, portanto, a seu serviço. Assim, a nomeação à chefia da Guarda Nacional resultou numa grande tragédia para a luta nicaraguense, visto que Anastasio Somoza, também conhecido como “Tacho”, trai seu presidente e ordena o sequestro e o assassinato de Sandino. Há controvérsias sobre o conhecimento ou não da ação pelo presidente Sacasa, afirma-se que o presidente e o embaixador americano Bliss Lane foram cúmplices (ZIMMERMANN, 2006; p.24). Assim desenha-se o golpe de

Anastasio Tacho Somoza, que em 1936 derruba seu tio, Sacasa, e torna-se presidente no ano seguinte. Vinte anos mais tarde, Tacho é assassinado pelo poeta Rigoberto López Pérez e seu filho, Luís Somoza Debayle, assume a presidência. Na chefia da Guarda Nacional, em 1957, é nomeado o filho do presidente Luís Somoza, que carrega o mesmo nome que seu avô, Anastasio Somoza Debayle – o “Tachito”, dando continuidade à ditadura dos Somoza.

O período de 1934 à 1956, sendo que o início é marcado pelo assassinato de Sandino e o final, registra o assassinato de Anastasio Somoza; foi de caça e extermínio dos guerrilheiros de Sandino. A ditadura somozista era severa, alinhada aos EUA, um governo que pouco se importava com seu povo, havia fome e miséria, além de uma taxa de analfabetismo que alcançava mais de 60% da população (CORTÁZAR, 1983; p. 34).

Após a morte de Anastasio Somoza, de 1956 a 1960, ocorre a “reorganização dos sandinistas, agora não só os companheiros de Sandino, mas também seus filhos e netos” (MAREGA, 1981; p.34). Ressalta-se um importante acontecimento, determinante para a luta de todo o povo nicaraguense: a Revolução Cubana de 1959. De acordo com Zimmerman (2006; p.45),

“A revolução cubana inspirou uma verdadeira proliferação de grupos de estudantes radicais na Nicarágua, entre 1959 e 1960: a Juventude Democrática Nicaraguense (ligada ao Partido Comunista), a Juventude Revolucionária Nicaraguense e a Juventude Patriótica Nicaraguense”.

Para além das mobilizações estudantis, “notava-se discreta mobilização das forças armadas militantes, assim como algumas greves” (ZIMMERMANN, 2006; p.45), ou seja, aos poucos militantes que defendem a luta armada vão se fortalecendo a ponto de organizarem-se em um grupo revolucionário não-estudantil, o Movimento Nova Nicarágua (MNN), fundado em 1961 que, em menos de um ano, tornou-se a Frente de Libertação Nacional. Em 1963, “Sandinista” é acrescentado ao nome da Frente ficando, portanto, Frente Sandinista de Libertação Nacional – a FSLN.

Assim nasce a FSLN e os ideais de Augusto César Sandino estão mais vivos do que nunca. Segundo Marega (1981; p. 35),

“Em 1960, os estudantes começam a ler sobre a vida de Sandino, em livros recém-publicados. Identificam suas ideias com as do guerrilheiro. Gente de diferentes partidos políticos, diferentes religiões se reúne e funda a FSLN. Entre eles, Tomás Borge e Carlos Fonseca. [...] A Frente Sandinista de Libertação Nacional organiza seus membros. Uns trabalham no campo,

outros na cidade entre os operários e também na classe média. A ideia é canalizar a insatisfação popular”.

Em meados da década de 1960 se inicia um intenso período de guerrilhas, que vai até o fim da década de 1970. Nos últimos anos de 1960, a FSLN realiza discussões internas para definir de fato o que é a Frente, o que resultou na “reafirmação do exemplo de Cuba e o compromisso com a luta armada” (ZIMMERMANN, 2006; p.57), assim, os militantes sandinistas, organizados e treinados nas montanhas, começam a recrutar cada vez mais homens e mulheres, jovens e adolescentes, promovem treinamentos nas montanhas, ações de guerrilha urbana em cidades estratégicas, etc., tudo ocorrendo com enfrentamento à Guarda Nacional, o que sempre resultava em inúmeras mortes. A situação se acirra e, em meados de 1979, eclode a guerra civil.

Cabe indicar, a Frente Sandinista de Libertação Nacional, desde 1974 dividida em 3 tendências (Guerra Popular Prolongada [GPP], a Tendência Proletária e a Tendência Insurrecional, ou Terceirista), crescia muito e suas ações seguiam firmes e combativas à Guarda Nacional, com grande adesão popular. As três tendências finalmente se unificam em 7 de março de 1979, construindo assim um Diretório Nacional composto por três pessoas de cada tendência. Essa unificação em torno de uma única frente de luta foi essencial para a queda de Somoza.

Em 17 de julho de 1979, Tachito Somoza foge para Miami e, no dia 19 de julho, guerrilheiras e guerrilheiros sandinistas tomam a capital Manágua, vitoriosos, seguidos por toda a população que apoiam a Frente. Inicia-se o processo de construção da revolução sandinista. Os revolucionários assumem o poder através da chamada Junta de Governo².

A Nicarágua adentra, enfim, uma nova fase, porém não menos difícil que a anterior. Depois de todos os anos de descaso e abandono junto a um período intenso de guerrilhas e a guerra civil, o saldo de mortos e feridos, de casas e prédios destruídos, indústrias e campos perdidos, cidades inteiras arrasadas, é gigantesco. Coube ao novo governo e a todo o povo nicaraguense reerguerem seu país.

A Revolução Sandinista, ou Nicaraguense, foi, portanto, um peculiar e

²“A Junta é composta por cinco membros: 1) Violeta Chamorro, viúva do jornalista Pedro Joaquín Chamorro [...] 2) Alfonso Robelo, industrial, um dos fundadores do partido dos empresários [...]. 3) Moisés Hassan Morales, engenheiro civil e pró-sandinista. 4) Sergio Ramirez Mercado, advogado e também pro-sandinista. 5) Daniel Ortega Saavedra, comandante militar e membro da direção da FSLN” (MAREGA, 1981; p.62).

paradigmático processo de insurreição popular que, através da luta armada, derrubou a ditadura da família Somoza, a mais duradoura de toda a América Latina (cerca de quarenta anos) e reconstruiu um país em ruínas. Assim como a revolução de Cuba foi inspiração para revoluções nos anos 1960-1970, a Nicarágua inspirou as dos anos 1980, particularmente a de El Salvador e Guatemala. A América Central, de certo modo, pode ser considerada o “quintal” dos Estados Unidos, todavia também tornou-se palco da resistência nacionalista e antiimperialista, barrando a exploração *yankee*.

Neste contexto, pode-se afirmar que a Revolução na Nicarágua tem dois momentos: um primeiro que resulta na queda do regime somozista; e o segundo de construção da revolução, quer dizer, de mudanças na sociedade nicaraguense em prol da sua população, que tinha em suas mãos a tarefa de reerguer o país e transformá-lo conforme seus anseios e necessidades.

O processo da revolução sandinista na Nicarágua durou onze anos: de 1979 – com a derrubada de Somoza – a 1990 – com seu fim definido nas eleições de 1989, onde a liberal Violeta Chamorro vence o sandinista Daniel Ortega. Os anos 1980, portanto, constituíram o período mais importante da Nicarágua Sandinista, tendo seu início marcado pelas fantásticas transformações sociais promovidas não só por um novo governo revolucionário, mas por toda população nicaraguense.

Revolução Sandinista: tentativa de consolidação de uma *nova* hegemonia

O processo revolucionário sandinista foi, portanto, a construção de uma nova sociedade. Nesse sentido, considerando o conceito gramsciano de hegemonia, pode-se afirmar que a revolução na Nicarágua configurou a construção de uma *nova* hegemonia. O processo de derrubada do regime ditatorial dos Somoza se dá como disputa hegemônica, e o processo da revolução sandinista tinha como dever percorrer o caminho para a consolidação desta nova hegemonia.

Depois de quarenta anos sob uma ditadura, a Nicarágua passa por uma transformação que contempla a insurreição popular de forma excepcional. A Área de Propriedade do Povo (APP), a campanha de alfabetização nacional, os ateliês de poesia, a associação de mulheres (AMNLAE), etc., contribuíram para a construção desta nova hegemonia: uma elevação da consciência das massas que motivou e propiciou a reconstrução de um país em ruínas, sob os ideais da Frente Sandinista. É importante

frisar que a tentativa de consolidação da hegemonia na Nicarágua possui um caráter popular. A população nicaraguense em geral apoiou a revolução, um fator dos mais importantes – se não o principal – para o êxito dos objetivos sandinistas.

Verifica-se ainda, que alguns setores da burguesia se colocaram favoráveis à revolução sandinista, mas não de forma incondicional. Sobre o capitalismo e a constituição de uma burguesia na Nicarágua, afirma-se que:

“A personalização do Estado e a política e o caráter evidentemente dinásticos da ditadura não devem encobrir o seu conteúdo de classe. Esses aspectos foram em definitivo produto e expressão do tipo de capitalismo meio burguês e meio oligárquico desenvolvido na Nicarágua através da sua insubordinação à dominação imperialista; um capitalismo no qual as linhagens familiares, as relações pessoais e o caudilhismo ainda eram a forma pela qual se manifestava o movimento de constituição de uma burguesia a partir do seio de uma sociedade oligárquica” (VILAS, 1986, p.38).

O apoio da burguesia³ à revolução sandinista partiu de setores que se colocaram contrários ao regime de Somoza, isto é, “frações opositoras e democráticas da burguesia” (VILAS, 1986, p.56), uma burguesia de caráter nacional que apoia os sandinistas e compõe inclusive a Junta de Governo. São burgueses que perderam seu poder político, mas mantiveram-se proprietários. Latifundiários, industriais e empresários como Violeta Chamorro, líder liberal, e Afonso Robelo, líder do partido dos industriais, e demais burgueses tiveram suas propriedades (terras e indústrias) mantidas, e as terras distribuídas pela Reforma Agrária foram expropriadas dos Somoza e da *burguesia somozista* que fugiu do país.

Assim, a coalizão entre FSLN e tais setores da burguesia não se limitou ao momento de derrubada do antigo regime, mas manteve-se mesmo após a queda de Somoza, com o intuito de seguir com o projeto de reconstrução da nova Nicarágua.

Compreendendo, portanto, o processo revolucionário Sandinista sob a ótica gramsciana, faz-se necessário definir hegemonia. Retomando desde a perspectiva marxiana do predomínio de uma ideologia dominante que corresponde à estrutura e superestrutura, é em Gramsci que o “conceito de hegemonia permite precisamente que se capte a complexidade dos planos superestruturais, assim como a complexidade de

³Logo, pode-se falar de uma burguesia de caráter nacional e, ainda, uma *burguesia somozista* na Nicarágua, “um conjunto de família e altos oficiais da Guarda Nacional que gozaram dos benefícios em troca da sua lealdade ao regime” (VILAS, 1986, p.44).

todo o desenvolvimento da formação econômico-social” (GRUPPI, 1978, p.90).

Neste sentido, vale ressaltar que estava posto anteriormente à revolução na Nicarágua uma ditadura. Desde o primeiro Somoza, havia no país um governo de domínio e coerção, não direção, uma “ditadura sem hegemonia”. Nas palavras do próprio Gramsci, “hegemonia seria a de uma parte do grupo social sobre a totalidade do grupo, não a desse grupo sobre outras forças com objetivo de fortalecer o movimento”, isto é, “a distinção entre hegemonia e ditadura; e hegemonia significa essencialmente capacidade de direção” (GRUPPI, 1978, p. 85). Desta forma, para além do processo revolucionário que se deu entre 1979 e 1990, a hegemonia na Nicarágua já estava em disputa (até mesmo porque desde Sandino até a FSLN houve vários movimentos de oposição), que tem seu ápice na insurreição popular.

No que tange a Revolução Sandinista, argumenta-se que foi a tentativa de consolidação de uma *nova* hegemonia, com disputas hegemônicas tanto internas, como no contexto internacional, onde a FSLN situou-se enquanto dirigente do processo, não somente através da coerção – em relação aos somozistas – mas com consensos – em relação à “burguesia nacional”. Conforme destaca Luciano Gruppi (1978, p. 91),

“É assim que avança uma nova hegemonia, antes mesmo que a classe que a expressa se torne dominante, quando ela ainda está na oposição e na luta pela conquista do poder. Mas, já antes da conquista do poder, a classe que está na oposição difunde suas próprias concepções e põe em crise a ideologia hegemônica. Na realidade, as revoluções se efetivam quando a classe dirigente deixa de ser tal, quando a sua hegemonia entra em crise”.

Sobre a coalizão entre os sandinistas e setores da burguesia, entende-se que:

“além da ação política, a hegemonia pressupõe a constituição de uma determinada moral; de uma concepção de mundo; numa ação que envolve questões de ordem cultural, na intenção de que seja instaurado um “acordo coletivo” através da introjeção da mensagem simbólica, produzindo consciências falantes, sujeitos que sentem a vivência ideológica como sua verdade [...] A hegemonia é algo que se conquista através da direção política e do consenso, e não exclusivamente pela coerção”. (MATHIAS, 2015, p. 73).

Nesse sentido, a configuração das forças políticas na Nicarágua garantiu a abertura necessária para a continuidade do projeto sandinista de construção de uma nova hegemonia. Todavia, a abertura à burguesia não demora em tornar-se uma inflexão na Junta de Governo, o que levou a um rompimento. A saída de Violeta Chamorro e

Afonso Robelo teve consequências preocupantes já que os dissidentes aderem a contrarrevolução. Aquela burguesia que então apoiara a FSLN, muda de objetivo e passa a impedir a continuidade do processo revolucionário.

Outro aspecto da construção da hegemonia, utilizando o conceito de Gramsci referente aos grupos subalternos⁴, nos possibilita indicar que dentro da FSLN e na população que construía a revolução, havia a presença desses grupos, com destaque à organização das mulheres.

Devido a preocupação em manter a Unidade Nacional, diversas medidas relacionadas à população em geral – como a continuação da Reforma Agrária e os direitos das mulheres – são ignoradas. Algumas questões sequer são discutidas, como foi o caso da legalização do aborto. Através de artigos publicados no jornal *Barricada* (da FSLN), as mulheres promoveram discussões que levaram a temática do aborto no âmbito nacional, em 1985. Mas os resultados não foram satisfatórios. Mesmo o aborto clandestino sendo a principal causa das mortes entre mulheres de idade fértil, o tema era polêmico e o aborto permaneceu proibido. Ao passo em que as divergências entre a FSLN e os setores conservadores (Igreja e grupos burgueses da Junta de Governo) ganhavam força, a pauta das mulheres enfraquecia, ao ponto das discussões se tornarem irrelevantes.

De acordo com Passos, ainda sobre a tentativa de consolidação de uma nova sociedade, tem-se a “hegemonia como uma concepção de mundo, uma perspectiva multidimensional (moral, ético-política, econômica, social, cultural, ideológica, militar) nos mais diversos âmbitos (local, municipal, estadual, nacional, continental, internacional etc.)”. A rigor, numa forma plena da hegemonia, “há o componente de força e consenso com o predomínio deste último, isto é, trata-se de dominação mais direção, coerção mais o papel dirigente de um grupo, fração de classe social ou elite. Toda manifestação da hegemonia não pode prescindir de ambos.” (PASSOS, 2014, p.96).

Portanto, as disputas hegemônicas em um contexto de revolução não ocorrem apenas entre grupos antagônicos, trabalhadores e burguesia, mas também inseridas no

⁴“Decerto que as classes subalternas não são apenas a classe operária e o campesinato, mesmo quando o argumento gira em torno da crítica ao capitalismo, ainda que dependa muito do grau e da fase de desenvolvimento em que se encontra determinada nação ou povo”. Para aprofundar, consulte: DEL ROIO, M., Gramsci e a emancipação do subalterno, Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 29, p. 63-78, nov. 2007, p.72.

âmbito dos grupos subalternos, visto que a complexidade das diferentes frações de classe se evidenciam no bojo do processo revolucionário. A concepção de mundo dos grupos subalternos, diferente da visão homogênea dominante, é bastante heterogênea:

“uma cultura é subalterna precisamente enquanto carece de consciência de classe, enquanto é cultura de classes ainda não conscientes de si. Com efeito, Gramsci sublinha como tal cultura é heterogênea, como nela convivem a influência da classe dominante, detritos de cultura de civilizações precedentes, ao mesmo tempo que sugestões provenientes da condição da classe oprimida”. (GRUPPI, 1978, p. 91).

Assim, a organização das mulheres e demais organizações enquanto fração de grupo subalterno enfrentam uma dupla disputa: uma primeira em permanecer alerta às ofensivas externas contrarrevolucionárias e manter a revolução em curso; e outra em resistir às ofensivas internas na configuração das forças políticas.

Considerações finais

O caráter ensaísta do presente trabalho denota problematizações às possibilidades do desenvolvimento da pesquisa em estágio inicial, visando o avanço nos estudos acerca do processo da Revolução Sandinista, considerando tal processo como construção de uma nova sociedade, enquanto tentativa de consolidação de uma nova hegemonia. A metodologia aplicada à pesquisa e que fundamenta este trabalho de caráter bibliográfico, refere-se à leitura sistemática do estudo de inspiração gramsciana acerca do conceito de hegemonia. A apropriação deste conhecimento se faz necessária também para a análise dos documentos históricos em relação à participação das mulheres, além de demonstrar a relevância do papel exercido por elas através de sua organização (social, política e armada) durante o processo revolucionário sandinista, investigando os possíveis debates e embates políticos enfrentados no interior das organizações femininas nicaraguenses durante a construção da nova Nicarágua.

A consistência da Revolução Sandinista enquanto construção de uma nova hegemonia se dá pois,

“Nos termos da 'filosofia da práxis', no campo das disputas hegemônicas, aquela que se contrapõe à hegemonia dominante não o faz somente no âmbito da oposição, *strictu sensu*, mas, na contraposição, no sentido de evidenciar as contradições, bem como de se colocar enquanto alternativa de superação. Não por acaso, hegemonia em Gramsci, pressupõe uma concepção de mundo

e se constitui enquanto força não só por ser dominante, mas também por ser dirigente. (...) a(s) hegemonia(s) tem em si um componente germinal e, por isso, ultrapassa os limites de 'oposição' e se afirma como projeto alternativo". (MATHIAS, 2014, p. 118).

Portanto, a Revolução Sandinista se apresentou como um projeto alternativo de sociedade que acabou por sucumbir. Cabe realizar uma análise aprofundada de como se deu tais disputas hegemônicas, tanto internas quanto externas, recuperando não só a história deste processo revolucionário, mas também reforçando a produção acadêmica latino-americana, que resgata a história e os processos de resistência na América Latina.

Referências Bibliográficas

CORTÁZAR, Julio. **Nicarágua, tão violentamente doce**. 1. ed. Tradução de Emir Sader. – São Paulo: Editora Brasiliense s.a., 1987.

GRUPPI, Luciano. **O Conceito de Hegemonia em Gramsci**. 1. ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. – Rio de Janeiro : Edições Graal, 1978.

MAREGA, Marisa. **A Nicarágua Sandinista**. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense s.a., 1981.

MATHIAS, Meire. *Hegemonia e Processos de Integração na América Latina: Contribuições ao debate*. In. **Relações Internacionais Contemporâneas: novos protagonistas e novas conjunturas**. Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos; Noemia Ramos Vieira; Mirian Cláudia Lourenção Simonetti (organizadores). – Marília: Oficina Universitária ; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 113-128.

_____. *Para pensar a América Latina: poder e hegemonia nas relações internacionais*. In. **Revista Espaço Acadêmico** – Nº 175 – Dezembro/2015, p 69 – 75. Disponível em:

<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/30023>

NEPOMUCENO, Eric. **Nicarágua: um país acossado**. 1. ed. Porto Alegre: Editora L&PM Editores Ltda., 1985.

PASSOS, Rodrigo Duarte F. Dos. *Hegemonia Internacional no Século XXI em Perspectiva Gramsciana: Um esboço sobre o papel dirigente das Classes e Grupos Sociais*. In. **Relações Internacionais Contemporâneas: novos protagonistas e novas conjunturas**. Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos; Noemia Ramos Vieira; Mirian Cláudia Lourenção Simonetti (organizadores). – Marília: Oficina Universitária ; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 93 - 112.

VILAS, Carlos M. **Nicarágua, Hoje: Análise da Revolução Sandinista**. 1. ed. Tradução de Cláudia Schilling. – São Paulo : Vértice, 1986.

ZIMMERMANN, Matilde. **A Revolução Nicaragüense**. 1. ed. Tradução de Maria Sílvia Mourão Netto. – São Paulo: Editora Unesp, 2006.